

**GLOSANDO A OBRA
PIONEIRA DE
HANS MAGNUS
ENZENSBERGER**

GLOSSING THE PIONEER WORK OF
HANS MAGNUS ENZENSBERGER

GLOSANDO LA OBRA PIONERA DE
HANS MAGNUS ENZENSBERGER

Antonio Hohlfeldt^{1, 2}

RESUMO

O artigo propõe uma revisita e a glosa às reflexões apresentadas por Hans Magnus Enzensberger, na década de 1970, a respeito do que ele chama de meios de comunicação, a partir do conceito de indústria de consciência. Neste texto, avalio a propriedade e a oportunidade de tais conceitos e os comento em relação a contextos atuais, levando em conta que a obra de Enzensberger foi escrita antes do surgimento das redes mundiais de computadores e, mais recentemente, das redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Meios de comunicação; Indústria da consciência; Hans Magnus Enzensberger; Teoria da comunicação; História da comunicação.

¹Pós-Doutorado em Jornalismo, na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal). Doutor em Comunicação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ex-presidente da INTERCOM por dois períodos (2009-2014; pesquisador do CNPq; integrante do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Autor, dentre outros, de "Teorias da Comunicação" (Vozes, 2001), hoje em 15ª. edição. E-mail: a.hohlfeldt@yahoo.com.br.

² Endereço de contato com os autores (por correio): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Av. Ipiranga, 6681, prédio 07, sala 318, CEP 90.619-900. Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 3, maio. 2018

DOI: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n3p708>

ABSTRACT

This paper revisits the principles of Hans Magnus Enzensberger's book from the 70ies. About what he call media communication. The base is the concept of consciousness industry. In this context I discuss the property and opportunity of these concepts in the present context, remembering that the Enzensberger's book was written before the www and face and twitter existence.

KEYWORDS: media communications; consciousness industry; Hans Magnus Enzensberger; communication theory; communication history.

RESUMEN

El texto propone una revisitación y una reevaluación de las reflexiones de Hans Magnus Enzenberger en su libro de los años 1970, sobre lo que el llama de médios de comunicación que propician una indústria de la consciência. Lo que se quiere pensar es sobre la oportunidad y la propiedad de estos conceptos, si ellos pueden ser aún utilizados. Hay que lembrar, sobretudo, que Enzensbeger ha escrito antes del nacimiento de las redes mundiales de computadoras y las llamadas redes sociales.

PALABRAS CLAVE: médios de comunicación; indústria de la consciência; Hans Magnus Enzensberger; teoria de la comunicación; história de la comunicación.

Recebido em: 09.01.2018. Aceito em: 16.03.2018. Publicado em: 29.04.2018.

Introdução

“Elementos para uma teoria dos meios de comunicação” foi lançado, na Alemanha, em 1970. Quase uma década depois, a obra foi traduzida e publicada no Brasil³. Na época, a obra teve uma repercussão apenas relativa, mas a editora carioca que o divulgou criaria certa tradição em editar textos de autores vinculados à chamada Escola de Frankfurt, como um dos trabalhos mais importantes, ainda hoje, de Jürgen Habermas⁴. A edição brasileira tomou a liberdade de quebrar o texto único e corrido, organizado em 22 tópicos, da edição alemã original, transformando cada tópico em um capítulo. Com isso, há capítulos bastante curtos, às vezes até de uma página, apenas. Além do mais, há um texto introdutório de Walter Schorlies a respeito do autor, contextualizando sua atividade e sua obra. Por este texto, sabemos que Enzensberger integrou o chamado Grupo 47, que reuniu escritores alemães do pós-guerra durante cerca de vinte anos, produzindo textos eminentemente anti-fascistas e pacifistas.

Enzensberger nascera em 1929, portanto, antes da II Grande Guerra. Sua família burguesa fugiu, em 1942, para a Francônia, por causa da guerra. A partir de 1945, trabalhou como intérprete na Força Aérea britânica, iniciando suas primeiras produções literárias. Depois de terminado o conflito, retornou à Alemanha. Fez estudos universitários em Erlangen e Freiburg, Hamburg e na Sorbonne, em Paris, especializando-se em Teoria Literária, Línguas e Filosofia. Foi redator de rádio, em Stuttgart, e viajou pelos Estados Unidos e México, em 1957. Viveu na Noruega, como escritor (1957-1959) e esteve um ano na Itália (1959-1960). Tornou-se leitor de uma editora em Frankfurt (1960-1961),

³ ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileira, 1979.

⁴ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1994.

retornando à Noruega. Em 1963, recebe o Prêmio Geogr Büchner, e no mesmo ano visita a União Soviética. Em 1965, cria a revista "Kursbuch" e entre 1967 e 1968 trabalha na Universidade de Connecticut, visitando Cuba em 1968-1969. No ano seguinte, de retorno à Alemanha, cria a Editora Kursbuch. Desde 1957, publica livros de poesia, textos para crianças e ensaios. Escreve artigos e suas obras são traduzidas e publicadas em diferentes países. Enzensberger visitaria o Brasil, em 1995, quando do lançamento de "Mediocridade e loucura e outros ensaios"⁵, discutindo a crescente importância dos meios de comunicação, sobretudo a televisão, no desenrolar das campanhas políticas e eleitorais.

Ainda que, naquele livro, Enzensberger fizesse uma certa auto-crítica do livro pioneiro, uma simples leitura de seu texto evidencia sua importância, sobretudo por vir de um intelectual evidentemente vinculado à esquerda européia. Não por um acaso, a epígrafe escolhida para a sua obra é de Bertolt Brecht e, de certo modo, relativiza até mesmo a sua auto-crítica: "Se isso for considerado por você utópico, peço-lhe que reflita porque é utópico".

"Elementos para uma teoria dos meios de comunicação", graças à opção da editora brasileira de constituir cada tópico em um capítulo, permite uma fácil leitura. Estudando, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 1960, a indústria do turismo e os meios de comunicação, aos quais critica com radicalidade, substitui o conceito de *indústria cultural*, da teoria crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer⁶ pelo de *indústria de pensamento* que, mais tarde, substitui por *indústria da consciência*, conforme aparece neste livro.

⁵ ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo, Ática. 1995.

⁶ ADORNO, Theodor et HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar. 1985.

No primeiro tópico (ou capítulo) de “Elementos para uma teoria dos meios de comunicação”, Enzensberger reconhece que, “com o desenvolvimento dos meios eletrônicos, a indústria da consciência converteu-se em marcapassos do desenvolvimento sócio-econômico na sociedade pós-industrial” (p. 43), já que ela se infiltra “em todos os demais setores da produção, assume cada vez mais funções de comando e controle, e determina a norma da tecnologia dominante”.

Ele enumera, a seguir, o que eram as conquistas tecnológicas da época:

satélites de comunicação, televisão a cores, televisão por cabo, televisão com cassetes, vídeo-tapes, vídeo-recorders, videofones, estereofonia, técnica laser, processos de cópias eletrostáticas, sistemas eletrônicos de impressão rápida, máquinas de composição e de automatização da aprendizagem, microfichas eletronicamente operacionadas, impressão tele-comandada, computadores time-sharing, bancos de dados” (p. 43).

Fica evidente, pela exaustiva enumeração, que Enzensberger desconhece, ainda, a tecnologia computacional e as redes internacionais de computadores e todas as suas conseqüências. Que dizer de redes sociais do tipo facebook e twitter? Não obstante, é a partir daquelas tecnologias de então, que hoje nos fazem sorrir, que ele identifica a formação do que denomina de “capitalismo dos monopólios” e por isso fala a respeito de uma “indústria da consciência”: toda a nossa maneira de perceber o universo passa obrigatoriamente através destas tecnologias, melhor dizendo, todo o universo nos chega mediado por estas tecnologias, hoje parcialmente obsoletas, substituídas por outras tecnologias. Mas embora seja sobre aquelas primeiras, de sua época, que ele tecerá uma série de reflexões, elas ainda são, infelizmente, oportunas e atuais.

Depois de observar que, até aquele momento, não havia uma “teoria marxista dos meios de comunicação” (e pelo que sei, e por óbvio, ainda hoje em dia ela inexistente), Enzensberger comenta que estas tecnologias “não

permitted any reciprocal influence between the emitter and the receptor”, since they reduce the *feed back* and minimum levels. But contradictorily, they also do not present any essential contradiction between the emitter and the receptor, since “the transformation of a mere means of distribution into a means of communication does not offer any technical problem of nature” (p. 45). With this, he begins a broad and dialectical analysis of contemporary technologies, whose comments, insistently, remain opportune.

For this, and taking recourse to the theory of radio, of Bertolt Brecht, Enzenberger, in the second topic of his reflection, remembers that, “for the first time in history, the means of communication enable a thick participation in a social productive and socialized process, whose practical means are found in the hands of the masses” (p. 49).

The term *indústria da consciência* he finds in the work of the English novelist George Orwell (especially, in “1984”)⁷, disagreeing with the apocalyptic vision of the writer: “The possibility of a total control of such systems by a central authority is not something belonging to the future, but to the past” (p. 53).

Now, I clearly remember the changes that I experimented in the contexts of two visits to Cuba, separated by the fall of the Berlin Wall and the rupture of the political-economic relations of support that the then Soviet Union dedicated to the small Caribbean country. In the first time, while member of the Brazilian jury of the Casa de las Américas Prize, we were relatively confined in the hotels that had been destined for us. Nothing to travel to where and how we wished, even as official guests of the government. A telephone call to Brazil took about 3 days to be

⁷ ORWELL, George. **1984**. São Paulo, Nacional. 1979.

concretizada, e precisava ser feito um depósito antecipado, em dólares, para que a mesma fosse, ao menos, tentada. Na segunda vez, fui participar de um congresso na Universidade de La Habana. Já havia telefones públicos com cartões pré-pagos, claro, sempre em dólares, através de *orelhões* distribuídos pelas principais ruas da capital e de outras cidades. Necessitando e dependendo desesperadamente do turismo internacional para substituir os investimentos paternalistas da União Soviética, Cuba havia implantado uma excelente rede de televisão a cabo, com programação internacional, presente sobretudo nos hotéis 5 estrelas, que acabavam assistidos, não apenas pelos turistas quanto pelos funcionários dos estabelecimentos, todos nativos, mas cujo domínio do inglês era perfeito, sem o quê, não haveria turismo. Afinal, salvo os mexicanos e os espanhóis, quem dentre noruegueses, belgas, escandinavos vários saberia falar espanhol? Outra, isso ajudou a ampliar os horizontes dos cidadãos cubanos.

A outra observação que ratifica esta antecipação de Enzensberger tem a ver com a queda do Muro de Berlim: quanto à entrada da televisão a cabo, na Alemanha Oriental, passando por cima do muro que detinha as pessoas, mas não detinha os satélites e suas emissões, colaborou com a derrota do sistema do Sr. Honnecker?

E se projetarmos isso para tempos mais recentes: o que dizer da chamada *primavera árabe* que, em tão pouco tempo e com tanta relativa facilidade, derrubou ditaduras e governos ferrenhamente conservadores e ditatoriais, como os do Egito e os da Líbia, justamente graças à popularização de tecnologias que Enzensberger nem sonhava virem a existir, mas cuja existência potencial se incluía na análise que ele desenvolvia nesta obra?

Explica ele, no item terceiro: “Uma rede, tão logo ultrapasse certo limite crítico, já não pode mais estar sujeita a um controle centralizado, só podendo ser calculada estatisticamente” (p. 53). Observe-se que a referência à rede, nesta passagem, nada tem a ver com o que passaria a existir logo depois, com a interligação dos computadores. Aqui, Enzensberger refere-se à rede enquanto um conjunto tecnológico ou um sistema de comunicação qualquer. Ele reconhece, com percuciência, que “a guerra das ondas, durante os anos cinquenta, já demonstrou que a soberania nacional, no campo das comunicações, está condenada a desaparecer” (p. 54). É certo que, enquanto, com o rádio, a expansão das ondas poderia ser controlada, a partir do momento em que se desenvolveram os satélites, isso ficou quase impossível, tanto que o governo de Cuba criou políticas de controle sobre a aquisição de equipamentos, enquanto a China tenta intervir diretamente em provedores como o Yahoo e trata de desenvolver seus próprios provedores e ações de pirataria através de ataques de hackers cibernéticos, mas nem por isso um ou outro consegue isolar completamente seus territórios nacionais.

Enzensberger reconhece que a política dos monopólios por vezes dificulta uma maior rapidez na disseminação do uso de tais equipamentos. Ele lembra, por exemplo, que a Xerox não costuma vender seus aparelhos, mas os aluga. Com isso, mantém um alto grau de monopolização, mas nem por isso pode controlar *o que se faz* com tais equipamentos. O mesmo, hoje em dia, quanto à Apple, por exemplo, cujos equipamentos não são compatíveis com os das demais marcas: isso cria alguns obstáculos, mas não chega a impedir, radicalmente, a possibilidade de trocas de mensagens entre os mais diferentes emissores/receptores, através de máquinas as mais diversas possíveis, de múltiplos fabricantes.

No quarto item, Enzensberger chama a atenção para o fato de que a chamada Nova Esquerda dos anos 1960 “reduziu o desenvolvimento dos meios a um único conceito: o da manipulação” (p. 59), o que, para ele, é ridículo e evidencia a pobreza teórica desta reflexão. Para ele, este caráter defensivo de tal conceito serve à esquerda como álibi para não se esforçar em desenvolver uma teoria sobre os meios de comunicação, preferindo-se *demonizar* o capitalismo. Para esta Esquerda, os meios de comunicação seriam essencialmente *sujos*, porque oriundos do Capitalismo. No entanto, indaga-se ele, será que a Esquerda não está com medo de exorcizar suas tradições, preferindo categorizar os meios enquanto potências ameaçadoras, ao invés de aprender a lidar com eles e assim realizar suas tarefas? Ou, pior, esta Nova Esquerda estaria a reproduzir um círculo vicioso em que, demonizando a tecnologia, não se vê obrigada a discuti-la, talvez com temor de ser engolida, ou pior, de quebrar as próprias hierarquias internas que a caracterizam?

Para Enzensberger,

toda utilização dos meios pressupõe uma manipulação(...) Por conseguinte, a questão não é se os meios são manipulados ou não, mas quem manipula os meios. Daí se deduz que um projeto revolucionário [de esquerda] não deve eliminar todos os manipuladores e sim, pelo contrário, há de pretender que cada um seja um manipulador (p. 67).

Observemos que, no Brasil, provavelmente seja o MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra a organização que melhor entendeu este princípio. Desde seu início, o MST mantém, em diferentes pontos do território brasileiro, escolas de formação geral para crianças, jovens e adultos, mas também cursos para o desenvolvimento de comunicadores para as mais diversas tecnologias de

comunicação. Não é casual que, para fazer frente ao que denominam de uma mídia capitalista e oligopólica, os integrantes do MST contem com um jornal eletrônico, emissões radiofônicas e televisivas as mais diversas, além de um eficiente e dinâmico serviço de mensagens através de redes sociais.

É que, segundo Enzensberger, “quanto a sua estrutura, os novos meios de comunicação são igualitários. Com um simples acionar de botão, qualquer pessoa pode participar” (p. 71). Mais que isso, podemos observar que as tecnologias ficaram bastante barateadas (compare-se o custo do negativo de um filme de longa-metragem de antigamente (para além de todo o processo de revelação, etc.) e as tecnologias atuais de câmeras cinematográficas inclusive embutidas em celulares tipo smartphones, etc.

O teórico alemão chama a atenção para o fato de que “os novos meios estão orientados para a ação, não para a contemplação” (p. 75), o que pode ser facilmente verificável se pensarmos os acontecimentos ocorridos na Espanha, quando das eleições após o desastre ferroviário de 2002, com a derrota do Primeiro Ministro Aznar, ou as mobilizações que se multiplicaram no Brasil, a partir de junho de 2013, contra o aumento das tarifas de ônibus. O que é admirável, de qualquer modo, é a intuição certa do pesquisador, que continua: “a memória que guardam para ser usada a qualquer momento, não está reservada exclusivamente a uma casta de sábios” (p. 75) – basta lembrarmos o que se vem realizando, por exemplo, com o projeto da Wikipédia, eminentemente colaborativo.

É que, para Enzensberger, os aparelhos de comunicação não podem mais ser considerados apenas como “veículos de consumo” (p. 79). Escreve ele: “Com a ajuda das *comunicações simultâneas*, o telefone, inclusive, permite-se o

acesso coletivo de grupos que discutem à distância” (p. 79), o que driblaria o controle estatal ou qualquer outra tentativa de cooptação.

Utópico, Hans Magnus Enzensberger acredita que “nenhum dos regimes [políticos] hoje em dia no poder é capaz de levar à prática a sua promessa de uma democracia radical: “tão somente uma sociedade socialista livre poderá torná-los produtivos” (p. 83). Ora, o próprio Enzensberger denuncia, nesta mesma obra, a eventual manipulação que os regimes socialistas de então promoviam em torno das redes de comunicação então existentes. Neste sentido, ele tem razão em afirmar que nenhum regime então existente era capaz de otimizar o uso dos meios de comunicação em direção a uma verdadeira democracia. Contudo, equivoca-se ao não imaginar que, ironicamente, seria justamente o sistema capitalista, através de diferentes iniciativas, que acabaria por concretizar tais avanços, em especial através da criação e desenvolvimento das redes sociais.

Para que isso ocorresse, antevia Enzenberger, seria necessária a auto-organização das massas, justamente o que acabaria ocorrendo. Ele tem clareza quanto à necessidade e importância desta iniciativa, alertando:

Quem crê que a emancipação se pode obter com a ajuda de um aparelho ou sistema de aparelhos tecnológicos, qualquer que seja a sua estrutura, entrega-se a uma obscura fé no progresso. E quem crê que a liberdade dos meios venha por si mesma, desde que cada um se engaje em emitir ou receber, deixa-se iludir por um liberalismo que, sob roupagens atualizadas, proclama a já enxovalhada idéia de uma harmonia pré-estabelecida entre todos os interesses sociais (p. 89).

Ele chama a atenção para o fato de que a economia de escala faz com que a produção das novas tecnologias se torne cada vez mais acessível aos assalariados, na medida em que, num círculo até certo ponto virtuoso, a maior

produção barateia o produto, e o produto menos oneroso se torna cada vez mais acessível (p. 90). Refutando a tese de que o capitalismo sobreviveria apenas da “exploração de algumas falsas necessidades” (p. 95), o teórico alemão, na mesma linha que mais tarde seria adotada por Nestor Garcia Canclini⁸, mostra que “a força de atração do consumo em grande escala não está baseada na imposição de falsas necessidades, mas na falsificação e exploração de necessidades absolutamente reais e legítimas”, e continua: “Os meios de comunicação não devem seu irresistível poder a nenhum artifício ardiloso, mas à força elementar de profundas necessidades sociais” (ps. 95-96). Ele desenvolve e aprofunda a idéia, lembrando Henri Lefèbvre⁹, quem teria trazido o conceito de *espetáculo* para criticar estas tentativas de manipulação das grandes massas. Enzensberger, sem negar que haja a manipulação, contrapõe, contudo, que, de fato, existem necessidades reais em relação a largos segmentos da população:

Uma fraude de tamanha envergadura só é concebível se se refere a uma necessidade das massas. Essa necessidade utópica realmente existe.(...) Tais desejos não são, pelo menos em primeira linha, regras internalizadas do sistema capitalista. Estão enraizadas fisiologicamente e não podem ser suprimidas (p. 97)¹⁰.

Mas para a boa apropriação de tais tecnologias, haveria necessidade de uma “revolução cultural”, idealiza ele (p. 98).

Sabemos, hoje, que tal revolução, de fato, não ocorreu nem se tem perspectiva de que venha a ocorrer de imediato. Não obstante, sabe-se,

⁸ CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, EDUF RJ. 1997.

⁹ LEFÈBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris, Anthropos. 1974.

¹⁰ A posição de Enzensberger é absolutamente contrária àquela adotada por Guy Débord em **A sociedade do espetáculo** (Rio de Janeiro, Contraponto. 1997 [1967]).

também, que alguns segmentos populacionais, mais conscientes, têm sido capazes de se apropriar destas novas tecnologias para a resistência à exploração, seja à falta de liberdades, em sistemas anti-democráticos como o da atual Venezuela, seja para discutir o próprio consumismo desenfreado, já que o antigo fluxograma do emissor, a comandar mensagens para o receptor, foi absolutamente subvertido. Basta acompanhar os esforços que as grandes marcas realizam no sentido de conhecer a opinião dos clientes/consumidores a respeito de seus produtos, ou a possibilidade de se avaliar/denunciar a prestação de maus serviços em redes de hotelaria, restaurantes, lojas, etc.

No item 12, Hans Magnus Enzensberger apresenta um quadro que pretende sintetizar seu pensamento, relacionando, na coluna da esquerda, os modos de uso repressivo dos meios de comunicação e, na coluna da direita, o uso emancipador desses mesmos meios (ps. 101-102):

USO EXPRESSIVO DOS MEIOS	USO EMANCIPADOR DOS MEIOS
- programa de controle centralizado	- programas descentralizados
- um transmissor, muitos receptores	- cada receptor, um transmissor potencial
- imobilização de indivíduos isolados	- mobilização das massas
- atitude passiva dos consumidores	- interação dos participantes: feedback
- processo de despolitização	- processo de aprendizagem política
- produção feita por especialistas	- produção coletiva [e interativa]
- controle por proprietários ou burocratas	- controle socializado: auto-organização

Enzensberger acredita que “as situações revolucionárias [geradas por novas tecnologias] sempre produzem, nos meios de comunicação, transformações espontâneas e descontínuas, levadas a efeito por parte das massas” (p. 109), o que o leva a considerar que estas mesmas massas “abrigam imensas energias políticas e culturais” (p. 110). Por isso, ressaltando as exceções de Walter Benjamin e (segundo ele, sob sua influência) Bertolt Brecht), os teóricos marxistas nunca souberam entender o que ele denomina de *indústria da consciência*, “aí vendo apenas seu aspecto burguês e capitalista, sem se darem conta das suas possibilidades” (p. 113). Criticando também Marshall McLuhan, a quem chama de “ventríloco e profeta” de uma vanguarda apolítica, por defender uma “mística dos meios de comunicação” salvacionista, o teórico germânico lamenta que isso ocorra justamente pela omissão de pensadores mais críticos. No entanto, considera que as reflexões de McLuhan e seus seguidores seriam estéreis, pois não serviriam para nada (ps. 116 e 117).

É evidente que, levando-se em conta a época em que o texto foi escrito, percebe-se que Enzensberger teria seguido um pouco a moda, então vigente, de uma acerba crítica a McLuhan, que ousara distanciar-se do pensamento acadêmico, desmistificando-o e popularizando suas reflexões em torno dos meios de comunicação. Imagino que, hoje em dia, e à luz das novas perspectivas de compreensão dos conceitos desenvolvidos pelo teórico canadense, em especial aqueles como *aldeia global*, é muito provável que Enzensberger revisasse sua crítica, eis que McLuhan foi, por certo, e do meu ponto de vista, um dos primeiros a compreender o potencial verdadeiramente revolucionário dos novos meios de comunicação e das tecnologias de

informação que se seguiram. Leia-se, dentre outros, ensaios como aquele sobre o rádio, para bem se entender isso¹¹.

Por outro lado, Enzensberger concorda com Benjamin quanto ao conceito de *obra de arte*, pensada muito mais enquanto um processo do que uma *obra acabada* (p. 121), como Benjamin discutiu no conhecido ensaio “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”¹². Ele destaca: “aquilo que até agora veio se chamando arte, foi superado, no sentido estritamente hegeliano, pelos meios de comunicação” (ps. 122-123). Imagino que Guy Debord se contorceria ao ouvir o alemão, pois enquanto Debord privilegia o aspecto de falseamento a que a noção de *espetáculo* o leva, Enzensberger, pelo contrário, privilegia a noção de *processo*, porque distancia a criação da individualidade, tornando-a resultado de uma ação coletiva e interativa, articulada.

Outra questão polêmica abordada por Hans Magnus Enzensberger (ele que é um ficcionista e poeta premiado e reconhecido) é o fato de que a literatura escrita deixou de desempenhar um papel predominante na sociedade ocidental. O domínio do livro, para ele, já começava a decair (e isso que nem havia se concretizado o livro eletrônico, os tablets e assim por diante), ou melhor, tornara-se um sistema central apenas durante o processo de organização, desenvolvimento e ascensão da burguesia. Contudo, levando em conta que “todas as pessoas falam melhor do que escrevem”, o que, para ele, englobaria também os escritores, a extrema formalização da escrita facilitaria o

¹¹ McLuhan, Marshall. “Rádio, o tambor tribal” in **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo, Cultrix. 1964.

¹² BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” in GRÜNEWALD, José Lino (Org.) – **A idéia de cinema**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. Este texto de Benjamin tem várias traduções no Brasil. Mas é este mesmo texto que está no volume dedicado a Benjamin na coleção “Os pensadores”, da Abril Cultural.

controle censorial e as resistências, o que é mais fácil de ser vencido durante a fala, graças às “pausas, hesitações, enganos, repetições e anacolutos, sem considerar a construção da frase, a mímica, a gesticulação, a velocidade e o volume da voz” (ps. 128-129).

Enzensberger considera que, do ponto de vista estrutural, o livro impresso é um meio que isola as pessoas (a exigência da chamada leitura solitária); para ele, o microfone do rádio e a câmera do cinema/televisão seriam mais democratizantes pois, embora originalmente extremamente autoritários, em sua produção (unidirecionais – aliás, McLuhan também observou isso: ver a diferença entre *meios quentes* e *meios frios*)¹³, do ponto de vista da recepção eles necessitam, para se tornarem verdadeiramente dinâmicos, de uma interação entre emissor e receptor (ouvinte). Por isso, utopicamente, e citando ao pesquisador russo El’Lisickij, Enzensberger refere, indiretamente, seu conceito de *eletro-biblioteca* de 1923, profetizando:

Enquanto o livro ainda for necessário como objeto palpável, isto é, não for suplantado por criações autovocalizadoras, teremos de esperar dia a dia novas invenções fundamentais no campo da produção livresca (...). Existem indícios de que tais inventos básicos provirão do campo vizinho da fotocópia”(p. 131).

Reiterando a percepção pioneira de Walter Benjamin, Hans Magnus Enzensberger defende que não haveria diferença entre uma obra original e uma cópia, tal a perfeição tecnológica alcançada pelas atuais reproduções (isso nos anos 1970, reitero). Com isso, desaparece a possibilidade de se poder aplicar com segurança o conceito de *autenticidade* a uma obra (se ela será uma obra

¹³ A idéia está desenvolvida ainda em **Os meios de comunicação como extensões do homem**: os meios quentes são auto-suficientes e não necessitam de interatividade maior entre o emissor e o receptor, enquanto que os meios frios precisam desta troca.

de arte ou não, por exemplo). Por isso, o conceito se desloca para a questão do processo de sua produção/realização. Também graças aos meios de comunicação de massa, perdeu-se a condição de objeto isolado e único desta obra, pois ela é essencialmente um processo (p. 139). Quebra-se, igualmente, a diferenciação entre o autor, enquanto um especialista, e a massa popular: cada um tem o que aprender com o outro. O que fará diferença, contudo, e valorizará o verdadeiro artista, será seu compromisso profundo com as massas, de modo a participar do processo em que elas se tornem sujeitas da História (ps. 147-148). O conceito da obra de arte, assim, desloca-se para o compromisso social do artista e de sua capacidade de maior dialogação e articulação com o que o teórico alemão entende serem as *massas proletárias*.

O livro se encerra com um capítulo denominado (ou item) "Prospecção ou teoria e prática" em que se lê uma única frase, apropriada por Enzensberger ao pensamento de Antonio Gramsci: "pessimismo da inteligência, otimismo da vontade" (p. 151).

Citando Benjamin e lembrando Gramsci, é evidente que Enzensberger está delimitando com clareza o terreno em que se movimenta: ele não é, com toda a certeza, aquele do marxismo ortodoxo nem burocrático. Por isso, se o livro se alinha decisivamente a um pensamento crítico de esquerda, foge aos padrões do *pensamento realista socialista*. Enzensberger, como o foi Walter Benjamin, torna-se profético em suas ponderações. Por isso seu livro tem sobrevivido, eu diria, a ele mesmo. É lastimável, apenas, que os pesquisadores no campo da comunicação e das novas tecnologias, no afã de sempre perseguirem o novo, desconheçam ou não valorizem a contribuição deste trabalho, motivo pelo qual, ao escrever esta pequena glosa a seu livro, pretendi, apenas tentar contornar este equívoco de avaliação.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 3, maio. 2018

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p708>

Referências

ADORNO, Theodor et HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1997.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995.

GRÜNEWALD, José Lino (Org.). **A idéia de cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera política**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

LEFÈBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix. 1964.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Nacional, 1979.